



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INT RODRIGO PACANHÃ DA SILVA

**GUERRA DAS MALVINAS:
LIÇÕES APRENDIDAS E INFLUÊNCIAS PARA A LOGÍSTICA MILITAR
BRASILEIRA**

**Rio de Janeiro
2019**



ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

CAP INT RODRIGO PACANHÃ DA SILVA

**GUERRA DAS MALVINAS:
LICÕES APRENDIDAS E INFLUÊNCIAS PARA A LOGÍSTICA MILITAR
BRASILEIRA**

Trabalho acadêmico apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito para a especialização em Ciências Militares com ênfase em História Militar.

**Rio de Janeiro
2019**



MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
DECEX - DESMII
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)

DIVISÃO DE ENSINO / SEÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor: **Cap Int RODRIGO PACANHÃ DA SILVA**

Título: **GUERRA DAS MALVINAS: LICÕES APRENDIDAS E INFLUÊNCIAS PARA A LOGÍSTICA MILITAR BRASILEIRA.**

Trabalho Acadêmico, apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, como requisito parcial para a obtenção da especialização em Ciências Militares, com ênfase em Gestão Operacional, pós-graduação universitária lato sensu.

APROVADO EM _____ / _____ / _____ CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

Membro	Menção Atribuída
CHARLES DAVIDSON SOARES BITENCOURT - Maj Cmt Curso e Presidente da Comissão	
ANDERSON JOSÉ SOARES DE LIMA - Cap 1º Membro	
LEONARDO DA SILVA LIMA - Cap 2º Membro e Orientador	

RODRIGO PACANHÃ DA SILVA – Cap

Aluno

GUERRA DAS MALVINAS:
LIÇÕES APRENDIDAS E INFLUÊNCIAS PARA A LOGÍSTICA MILITAR
BRASILEIRA

RODRIGO PACANHÃ DA SILVA*
LEONARDO DA SILVA LIMA**

RESUMO

A logística militar é aspecto fundamental na resolução de um conflito bélico, a estrutura da cadeia de suprimento pode fazer toda a diferença para que uma força atinja a vitória. A história mostra momentos nos quais a ausência de uma logística eficiente levaram os elementos em 1º escalão ao insucesso na frente de batalha. Exemplo clássico na nossa literatura é a guerra de canudos e também a Operação Overlord, quando as tropas aliadas invadiram a Normandia. A logística foi fundamental para que os ingleses obtivessem êxito na Guerra das Malvinas, tanto pela sua eficácia, quanto pela ineficácia do planejamento dos argentinos, mesmo operando com maior proximidade da área do litígio. Esses aspectos positivos e negativos serviram de ensinamentos para os próprios envolvidos e para outros países, dentre estes, o Brasil, principalmente pela proximidade territorial com a Argentina. Os ensinamentos colhidos nesse combate serviram para uma reestruturação da nossa doutrina no que diz respeito à logística.

Palavras-chave: Guerra. Malvinas. Logística. Doutrina. Argentina.

ABSTRACT

Military logistics is a fundamental aspect of resolving a warlike conflict, and the structure of the supply chain can make all the difference for a force to achieve victory. History shows us moments in which the absence of efficient logistics led the elements one step closer to failure at the front. Classic example in our literature is the war of straws and the operation Overlord, when the allied troops invaded Normandy. Logistics was essential for the British to succeed in the Malvinas War, both for its effectiveness and for the inefficiency of Argentine planning, even though it operated more closely in the area of litigation. These positive and negative aspects served as lessons for the people involved and for other countries, among them Brazil, mainly because of its territorial proximity to Argentina. The lessons learned from this struggle served to restructure our doctrine with regard to logistics.

Key-words: War. Malvinas. Logistic. Doctrine. Argentina.

1. INTRODUÇÃO

A Guerra das Malvinas, também chamada de Guerra do Atlântico Sul, foi um conflito ocorrido no ano de 1982 que envolveu a Argentina e a Inglaterra. Tais países entraram em litígio pela região das ilhas Malvinas (Falklands), arquipélago colonizado pelos ingleses e tomado pela Argentina em 1832, foi retomado pela Inglaterra em 1833, quando uma expedição inglesa invadiu a ilha e habitou-a.

Apesar dessa origem longínqua da disputa da região, para acontecer a invasão propriamente dita, acredita-se que o governo argentino tenha tomado uma decisão meramente política. A região das Malvinas não é rica em metais ou quaisquer outros bens como petróleo e minérios. A situação política e econômica vivida na Argentina nas vésperas da guerra não eram as melhores, e acredita-se que o governo viu uma oportunidade não só de causar comoção nacional, mas também de promover união e pacificação política ao entrar em uma guerra. Segundo OLIVEIRA (1996,p 41):

A economia argentina, da mesma forma que a economia mundial, experimentava uma rigorosa crise em 1982. Os protestos do povo argentino contra o seu próprio governo, pela maneira como conduzia os problemas sociais, tornavam-se cada vez mais vigorosos nos dias que antecederam a invasão (OLIVEIRA,1996).

A logística foi um fator preponderante para o êxito britânico, apesar do local do conflito se encontrar a aproximadamente 700 km de distância da Argentina e a quase 15.000 km da Inglaterra. Um dos aspectos positivos adotados pela Inglaterra foi o uso de navios mercantes, não só para transporte de cargas militares, mas também como navio-hospital e navio oficina. Estima-se que foram empregados durante o conflito o dobro de navios mercantes em relação aos navios de guerra (GARRET, 2015).

Outro fator preponderante para o sucesso inglês foi o apoio dos Estados Unidos, os argentinos acreditariam que os americanos iriam manter neutralidade, entretanto os Estados Unidos deram apoio logístico e principalmente de inteligência aos britânicos. Um exemplo foi quando

submarinos britânicos teriam recebido ordens de deslocamento para o Atlântico Sul em 29 de março, numa reação decorrente de informações do serviço secreto britânico e fotos de satélite, fornecidas pelos EUA, indicando, com clareza, preparativos militares argentinos (MIDDLEBROOK 2001).

Com uma distância tão grande do local do conflito até seu país, e também devido à surpresa da invasão argentina e da necessidade de uma pronta resposta, haja vista que, com o passar dos dias os argentinos poderiam fortificar melhor suas posições defensivas, uma estratégia utilizada pelos ingleses foi a manutenção dos suprimentos a bordo dos navios. Dessa forma, o Reino Unido ganhou tempo para que de maneira mais ágil, seus combatentes fossem supridos e voltassem ao combate. Portanto, a Inglaterra tentou minimizar o desdobramento de suas regiões de apoio logístico.

Do lado argentino, pode-se trazer a maior lição aprendida: apesar de estarem combatendo em seu litoral, o caminho marítimo até as ilhas Malvinas foi bloqueado pelo forte poderio naval inglês, o que ocasionou o corte do seu fluxo logístico. A falta de estradas no interior da ilha, também foi fator preponderante para agravar o problema da distribuição de suprimentos argentinos.

Tais problemas logísticos enfrentados pelos sul-americanos, ficaram comprovados por alguns relatos. Conforme Túrolo (1983, p 252), “na realidade, entre fins de maio e princípios de junho sentíamos que estávamos no fio da navalha, em perigo de cair por fome”. Matos (2011) ratifica: “A falta de comida entre os combatentes argentinos, menos comentada por oficiais, mas frequente nos relatos de ex-soldados, foi um dos fatores críticos para contribuir para o abatimento do moral da tropa argentina”.

No que diz respeito à doutrina militar brasileira, pode-se dizer que se aprendeu muito com erros e acertos desse conflito, principalmente por dois aspectos: primeiro pela curta distância entre nosso território e a área do conflito, e segundo pela proximidade temporal. Haja vista que a guerra ocorreu no fim do século XX.

Prova do que foi dito anteriormente, foi criada em 1983 na 3ª Subchefia do Estado Maior do Exército uma seção de evolução da doutrina, a qual visava rever a doutrina militar terrestre brasileira esporadicamente.

1.1 Problema

Atualmente, observa-se uma crescente importância dada à logística, e não só a militar, mas também a civil. Para o meio civil, uma logística bem feita é sinônimo de lucro. Já no combate, uma logística eficiente reflete resultados positivos dentro do campo de batalha, conduz a vitória e salva vidas.

Uma célebre frase conhecida na caserna, do General Antoine Henri Jomini, em seu livro *Precis de L'Art de La Guerre*, publicado em 1836, cunhou a frase: “a Logística é tudo ou quase tudo no campo das atividades militares, exceto o combate”.

Dessa forma, tentaremos verificar se a logística influenciou no resultado do Conflito do Atlântico Sul e se o Exército Brasileiro utilizou de ensinamentos deixados pelo conflito a fim de atualizar a sua doutrina relativa à logística?

1.2 Objetivo

O presente estudo tem como objetivo analisar os principais erros e acertos atinentes à logística durante a Guerra das Malvinas, considerando para isto, tanto as manobras logísticas argentinas, quanto as britânicas. Uma vez descobertas estas lições, pretende-se enquadrá-las na atual logística militar adotada no Exército Brasileiro a fim de que se possa afirmar ou não se tal conflito influenciou a logística militar brasileira, e em caso positivo, apontar quais foram essas influências.

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram formulados os objetivos específicos, abaixo relacionados, que permitiram o encadeamento lógico do raciocínio descritivo apresentado neste estudo:

- a)** Identificar as análises, feitas por especialistas, da Guerra das Malvinas;
- b)** Reconhecer, através de pesquisa bibliográfica, as principais lições

positivas e negativas da Guerra do Atlântico Sul;

c) Identificar as principais influências da Guerra das Malvinas para a doutrina militar brasileira.

1.3 Justificativa e Contribuições

A pesquisa justifica-se pela quantidade de ensinamentos que podem ser colhidos de uma guerra que foi a de maior expressão ocorrida no território sul-americano nos últimos anos. Ressaltando, também, a importância da logística no combate moderno, onde as forças são cada vez mais bem treinadas e dotam de equipamentos de alta tecnologia.

A análise do conflito pode ajudar a ratificar ou retificar a doutrina empregada atualmente atinente à logística na Força Terrestre. É sobremaneira importante a rotina de coleta de lições aprendidas e seu eventual aproveitamento pela Força Terrestre.

2. METODOLOGIA

Para colher subsídios que permitissem formular uma possível solução para o problema, o delineamento desta pesquisa contemplou leitura analítica de livros que tratam do conflito, e obviamente contou com o apoio de plataformas digitais nas quais foram feitas consultas de trabalhos acadêmicos de pauta semelhante.

Quanto à forma de abordagem do problema, utilizou-se, principalmente, o conceito de pesquisa científica, fundada em ampla investigação bibliográfica.

2.1 Revisão da Literatura

A fim de facilitar o entendimento, a revisão da literatura será dividida em duas partes: inicialmente será analisada a postura da Argentina, seguida pela

Inglaterra, embora em determinados pontos, o sucesso de uma acaba sendo obtido explorando os erros da outra.

2.1.1 A Argentina

O Gen Martín Balza, um dos comandantes das forças Argentinas no conflito, em seu livro “MALVINAS, Gesta e incompetência”, não poupa críticas aos planejadores e comandantes da cadeia de comando argentina para a campanha das Malvinas. Ele chega a relatar que fora informado de que só depois de 2 de abril (dia da invasão de Port Stanley), os estados-maiores das diversas Forças encomendaram exemplares da última edição da afamada revista militar “*Jane’s*”, para se informarem sobre as características e quantidades dos materiais da Marinha, da Força Aérea e do Exército Britânico. Como ele – então Tenente-Coronel – foi o comandante de um Grupo de Artilharia nas Ilhas e coordenador do apoio de fogo de artilharia nas Ilhas, esse autor julga que seus relatos e comentários possuem os melhores elementos para elucidar, pelo lado do combatente argentino, tal segmento da História (SOUZA, p 175).

O trecho acima, extraído da obra “A Guerra que foi possível pelas Malvinas” resume bem o que fora o planejamento argentino. Apesar da proximidade com o seu litoral, o que deveria ser um facilitador para a Argentina, houve uma certa negligência no planejamento que custou a derrota no conflito.

As Forças Armadas argentinas não souberam aproveitar o tempo para a preparação para o combate. Pois se a Argentina iniciou a invasão às Ilhas, ou seja, partiu dela a ofensiva, logicamente teve a oportunidade de melhor se preparar logisticamente, o que não aconteceu.

O depoimento do Almirante britânico Harry Train trata sobre o bloqueio marítimo que os ingleses impuseram à Argentina:

Perderam-se dias preciosos entre 2 e 12 de abril – quando se materializou o bloqueio marítimo – para transportar a grande massa de materiais pesados, de viaturas e de suprimentos que seriam necessários para a campanha. Esses dez dias desperdiçados afetariam gravemente a mobilidade, o poder de fogo, a construção de fortificações e, de forma muito sensível, a possibilidade de bem alimentar os homens. Ficaram no continente

canhões, artilharia antiaérea, radares, veículos de todos os tipos, nas quantidades necessárias – especialmente canhões para transporte de pessoal e carga, além de tracionar as peças de artilharia – guindastes e gruas, rolos de cabo de aço, combustíveis, dormentes e trilhos para reforçar os abrigos, minas antitanques e cunhetes de munição, que tanta falta faziam nos combates que se avizinhavam (SOUZA, p 188).

A tabela a seguir pode ajudar a entender a importância da logística em um conflito armado. O esforço logístico inglês foi três vezes maior que o argentino. Ainda relacionado ao tema, observa-se que a mobilização também foi maior por parte dos britânicos, o que somou para o aumento das capacidades logísticas, esta mobilização também foi ensinamento colhido pela doutrina militar terrestre brasileira, e foi fundamental para a manutenção da hegemonia inglesa durante o conflito:

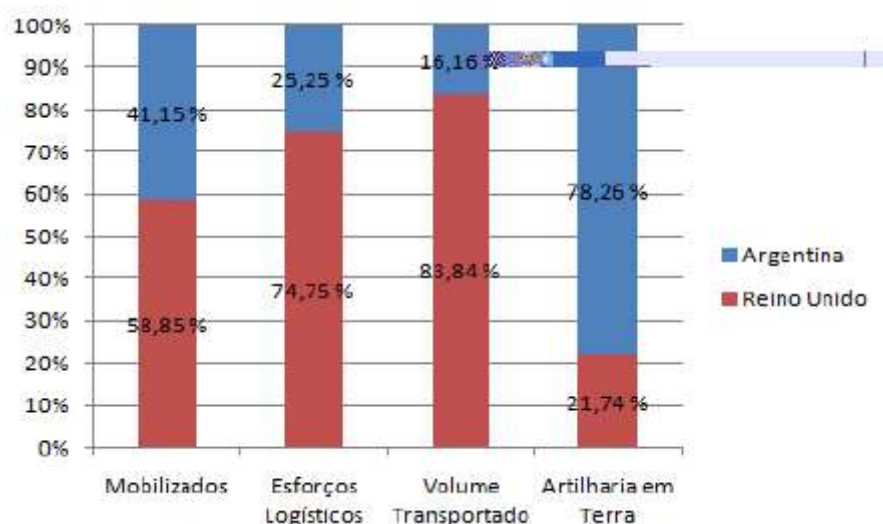


Figura 1: Diferença entre Esforços Gerais e Esforços Logísticos
Fonte: SANDERSON, 2008

2.1.2 O Reino Unido

Talvez a maior virtude da Grã-Bretanha foi o bloqueio naval que isolou o acesso argentino à Ilha. Esse bloqueio foi uma manobra que possibilitou uma imensa vantagem europeia ao interromper o fluxo logístico argentino. De maneira coerente e racional, diria que boa parte da deficiência argentina, já

explicada anteriormente, foi exponenciada pelo mérito dos ingleses. Fazendo analogia aos termos inteligência e contra-inteligência, pode-se dizer que a contra-logística dos europeus foi o fator mais determinante para o mérito alcançado.

Todavia, a Inglaterra imprimiu um extraordinário esforço logístico para combater em uma região longínqua e inóspita, onde predominam baixas temperaturas, ventos fortes e mares bravios durante todo o ano.



Figura 2 : Distância entre as Ilhas Malvinas e os Beligerantes

Fonte : Wikipédia

Na figura acima fica bem clara a discrepância de distâncias entre a ilha alvo de disputa e os dois países envolvidos no conflito. Se as Malvinas ficam a aproximadamente 500 km da Argentina, a distância para Londres é de aproximadamente 13000 km. Logo, as manobras realizadas pelo Reino Unido foram repletas de dificuldades logísticas em função da distância até a região do conflito, no entanto, devido a supremacia bélica, o apoio internacional da OTAN, a boa mobilização e ao planejamento utilizando a Ilha de Ascensão como uma espécie de base logística avançada, foram primordiais para a que Reino Unido alcançasse o sucesso em suas operações.

Um dos grandes feitos pelos ingleses foi a utilização de navios mercantes para que se somaram aos de guerra e ajudaram no envio de tropas e suprimentos à região do conflito. Ainda se preocupavam com o acondicionamento das cargas, de forma que se ganhasse tempo no desembarque. Para a primeira viagem, seguiu-se um plano de embarque já existente para exercícios de adestramento no norte da Noruega. Lembrando que os britânicos “lutavam contra o tempo” nesse primeiro momento, haja vista que quanto mais demorassem a contra atacar, melhores seriam as condições de defesa dos argentinos.

A seguir é possível ter noção da importância que a Inglaterra deu aos detalhes da operação logística:

Entre os cargueiros havia alguns porta-contêineres – que transportaram suprimentos, diversos helicópteros, aeronaves HARRIORS e peças de reposição para aviões – e o frigorífico GAESPORT (responsável pelo gelo necessário e sem o qual não haveria frutas nos cardápios dos navios). Os dois relacionados como de serviços especiais eram o IRISH, o qual pertencia à BRITISH TELECOM e tinha equipamentos completos para a navegação e comunicação por satélite, e o STENA SEASPREAD, com vocação especializada em manutenção de redes de oleoduto, e com isso, possuía oficinas de ponta, excelentes equipamentos de combate a incêndios e quatro câmeras de mergulho (SOUZA p. 132).

Os relatos a respeito da exigência com os detalhes e a capacidade de levar ao Teatro de Operações uma quantidade tão grande de navios privados especializados e com toda a sua tripulação de civis é de impressionar. Como os navios deveriam ser abastecidos a cada 72 horas, estabeleceu-se com os

navios tanque um verdadeiro “oleoduto flutuante”, constituído por uma sequência de navios (SOUZA, p 133).

Fundamental para a logística britânica foi o uso da Ilha de Ascensão, uma ilha pertencente ao Reino Unido e pouco habitada à época, mas que por estar a 8000 km do Reino Unido e a pouco mais de 6000 km das Falklands, serviu como essencial base logística e ponto de apoio para as tropas britânicas. De lá as tropas inglesas partiam para o combate, após ressuprimentos e treinamentos. Mais um dos diversos fatores que favoreceram a sua logística.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Guerra do Atlântico Sul foi para o Brasil uma oportunidade de revisão e renovação da doutrina. Resumidamente, o simples fato de até a atualidade, militares brasileiros estudarem os acontecimentos da época, já denota uma importância que se dá ao conflito e obviamente traz um estudo de caso que seria utilizado como referência em um possível emprego de nossas tropas.

Para Campos (2011):

A quantidade de ensinamentos que se pode extrair dessa guerra é grande e cresce ainda mais à medida que se desce aos detalhes. São ensinamentos relativos ao planejamento (nos diversos níveis), aos princípios de guerra, à natureza do poder militar nacional, à mobilização, às informações, a natureza das operações (ofensivas, defensivas, anfíbias, aeromóveis, combinadas, eletrônicas, etc), à instrução militar, à liderança militar e ao valor moral, aos apoios de fogo e administrativo, ao clima e às condições meteorológicas (CAMPOS, 2011).

Embora não se possa afirmar categoricamente, a impressão deixada é de que o Brasil aprendeu e utilizou os aprendizados colhidos na Guerra das Malvinas. A importância que hoje se dá à logística já é um exemplo claro disso. A formação de alianças, ou de meros apoios políticos também auxiliam na explanação, só lembrar que os ingleses tiveram apoio de outras potências mundiais, como os Estados Unidos, que deram apoio de inteligência e de suprimento de mísseis, combustível e óleo na ilha de Ascensão e de Portugal,

ao oferecer a base de Lajes, nas Ilhas Açores. Portanto, fica bem claro a importância de apoio político de outras nações para um exemplar ou eficiente planejamento logístico. O que é realizado no Brasil.

A relação mais concreta que se pode observar entre a Guerra das Malvinas e a doutrina militar brasileira está no fato de ter sido expedida em 1982, portanto, antes do conflito, uma Nota Ministerial que dentre as determinações, estava o apressamento para a organização de um R C Mec no estado de Roraima, o qual existe até hoje; uma revisão e modernização de equipamento, material e armamento; adequabilidade do sistema de serviço militar.

Então, o simples fato de ocorrer uma guerra tão próxima de nosso território já gerou uma movimentação na nossa doutrina. Com o término do conflito, foi criada em 1983 na 3ª Subchefia do Estado Maior do Exército uma seção de evolução da doutrina, a qual estudaria o Exército do futuro, e executaria os projetos FT90, FT 2000 e FT21, para a modernização da Força Terrestre em 1990, 2000 e 2015, respectivamente.

Na época do conflito, já havia as Instruções Provisórias IP 100-5, equivalente ao revogado C 100-5, que tratava de logística e dizia que a logística em tempos de paz deve ser compatível com a do tempo de guerra. Nesse sentido criou-se o dito da caserna de “guerra real” da logística no dia-a-dia. Presume-se, então que dentro do nosso exército, sempre houve a preocupação com a atividade de suprimento, manutenção e saúde em campanha. Mas a Guerra das Malvinas serviu para sobremaneira, atentarmos cada vez mais e aprendermos com o erro dos outros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao fazer uma revisão bibliográfica acerca do tema foi possível ter a real percepção da importância da logística em um conflito armado. Independente do poderio bélico inglês superior, na leitura de diversos autores distintos, fica perceptível que a Argentina negligenciou itens importantes em seu

planejamento, até antes de se iniciar o combate, uma vez que ela teve a iniciativa da invasão das Falklands, logo não sofreu com o efeito surpresa.

Por outro lado, a astúcia do Reino Unido foi fundamental para combater a uma considerável distância do seu território e lograr êxito, isso se tornou claro ao implementar o bloqueio marítimo à Argentina e também ao adotar o uso de navios como verdadeiras bases logísticas.

A mobilização também pode ser citada como aprendizado, haja vista que hoje, há como doutrina nas nossas Forças armadas uma forte e organizada cultura de mobilização nos tempos de paz, para que em caso de conflito, o poder relativo de combate cresça de maneira exponencial.

O uso de navios mercantes pelos ingleses somou muito para a sua logística. Tal lição serviu como um bom ensinamento, e hoje a indústria nacional de interesse militar segue acompanhada de perto pelas autoridades da Defesa, de forma que sempre se possa contar com a indústria e capacidades nacionais em eventuais conflitos.

Coube ao Brasil somente observar esse conflito na América Latina e tirar lições da experiência vivida pelas duas potências mundiais, para que em caso de necessidade saiba evitar os erros ora cometidos por uns e seguir os exemplos positivos que a Guerra das Malvinas deixou para a nossa doutrina.

5. REFERÊNCIAS

BRAZ, Marcio A. L. **A logística militar e o serviço de intendência: uma análise do programa de excelência gerencial do exercito brasileiro**. Rio de Janeiro, 2004.

CAMPOS, Marcos T. **A Guerra das Falklands/Malvinas e suas repercussões no Exército Brasileiro**. Niteroi – RJ, 2011.

CARVALHO, Diego Bielinski; SÁ, Marco Antônio Vieira; CITTADINO, Rodrigo Cerveira. **A Questão das Ilhas Malvinas/Falklands**. Rio de Janeiro, 2009.

FREEDMAN, Lawrence. **Reconsiderations: the war of the Falklands Islands**, 1982. In Foreign Affairs, Fall 1982.

GARRETT, Enio. **A logística na Guerra das Malvinas**.

<http://eniogarrett.blogspot.com/2015/03/conflito-no-atlantico-sul-logistica-na-29.html?m=1> acesso em 06 de junho de 2019.

LAMDABURU, Carlos A. **La guerra de Las Malvinas**. Buenos Aires: Circulo Militar, 1988.

LIMA, Roberto Luiz Fontenelle. **Malvinas/Falkland – Dez anos: Derrota Militar e Vitória Estratégica?** In: Revista Marítima Brasileira. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1992.

MARTINS, Umberto Barbosa Lima. **Guerra das Malvinas: Um ponto de Vista Anfíbio**. In: Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1984.

NOVARO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina**. 1976-1983:

OLIVEIRA, Milton Medeiros de. **Guerra das Malvinas** in Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro, 1996.

SEINELDÍN, Mohamed Alí. **Malvinas, um Sentimento**. Rio de Janeiro, Ombro a Ombro, 2004.

SOUZA, Cesar A. N. **A Guerra que foi possível pelas Falklands/Malvinas**. Ed Bibliex, 2013.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. **Conflito no Atlântico Sul – Parte 1**. In: Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1984.

VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. **Conflito no Atlântico Sul – Parte 2**. In: Revista Marítima Brasileira, Rio de Janeiro: Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1985.

